

Reflexões contemporâneas — um estudos sobre as crônicas de Dinorath do Valle na imprensa rio pretense (1943 a 1956)

VERA LÚCIA GUIMARÃES REZENDE*

RESUMO: Gênero literário associado aos jornais de circulação nacional, sediados nas capitais brasileiras, a crônica se fazia presente também nas publicações do interior do país em meados do século 20, inclusive em São José do Rio Preto, maior cidade do Noroeste Paulista, distante 414 quilômetros da capital. Neste trabalho, são apresentadas crônicas da primeira fase da carreira da professora e escritora Dinorath do Valle, recolhidas entre as páginas dos jornais locais entre os anos de 1943 e 1956. Para além do resgate historiográfico da obra de Dinorath do Valle, busca-se refletir sobre os temas escolhidos bem como a abordagem destes temas, que já naquela época indicavam um olhar crítico e uma linguagem afiada. Tais escritos demandam estudos aprofundados também por representarem os primeiros passos da futura escritora no desenvolvimento de sua técnica de composição literária, revelada décadas depois quando premiada em 14 concursos nacionais e internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Dinorath do Valle; História; Jornalismo; Literatura; São José do Rio Preto.

ABSTRACT: Literary genre related to national circulation newspapers, mainly located on Brazilian capital cities, the chronicle was also present in the publishing scenario at the countryside in the mid-20th century, which includes São José do Rio Preto, the largest city of São Paulo's northwest, 414 kilometers distant from the state capital. This paper presents the first phase chronicles from the professor, and writer, Dinorath do Valle, gathered from newspapers' pages between 1943 and 1956. In addition to the historiographic recovery from Dinorath do Valle's works, this paper highlights the selected topics as well the approaches to these topics that at that time already indicated a critical view and a sharp language. These writings also request for a detailed study because they represent the first steps from this upcoming writer development on her literary structure technique, revealed decades later, when she was awarded 14 national and international contests.

KEYWORDS: Chronicle; Dinorath do Valle; History; Journalism; Litterature; São José do Rio Preto.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp/São José do Rio Preto – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: veralgrezende@gmail.com

Introdução

Professora e escritora atuante na cena cultural de São José do Rio Preto (SP), várias vezes premiada em concursos literários nacionais e internacionais nas décadas de 70 e 80, Dinorath do Valle (10/07/1926 - 01/05/2004) foi também cronista de jornais e emissoras de rádio da maior cidade do noroeste paulista. De origem muito simples, ela nunca fez faculdade, estudou até o antigo curso normal, atual magistério, e se dizia uma autodidata que adorava ler. Contava que desde criança vivia na Biblioteca Municipal, onde leu todos os livros existentes no acervo, “até os de geografia!”, gostava de enfatizar.

O esforço pessoal e o talento natural para a escrita fizeram da professora uma exímia contadora de histórias. Tais narrativas se referem ao dia a dia dos moradores de sua cidade; à rotina diária em sala de aula; impressões sobre cultura e comportamento; críticas à situação de exclusão dos que moravam na periferia urbana do interior do Brasil, gente algo resignada com a posição que lhe coube, à margem da sociedade, numa época em que nenhuma ascensão social lhe era possível. Uma realidade conhecida pela autora que fazia questão de se assumir como gente do povo: “Sou caipira, sou mulher de vila, nenhuma ascensão social há de me tirar esses títulos”, disse em entrevista à revista *Status*, em 1976.

Para este trabalho, buscou-se mapear os escritos da fase inicial da carreira da futura escritora, desde quando começou a escrever para a imprensa rio-pretense com apenas 17 anos. São crônicas recolhidas nos jornais *Folha de Rio Preto* (o primeiro a publicar seus escritos), *A Noíçia*, *Diário da Região* e o *Correio da Araraquarense*, onde consolidou-se como cronista em 1956, já aos 30 anos de idade. Tais textos, impressos nas páginas dos jornais, estão disponíveis hoje apenas no Arquivo Público de São José do Rio Preto, e são, de certa forma, inéditos, pois nunca mais vieram a público, desde a época em que foram publicados. Mais do que mero resgate histórico da obra cronística de Dinorath do Valle, busca-se refletir sobre os temas escolhidos bem como sua forma de abordagem, que já naquela época indicava um olhar crítico e uma linguagem afiada. Tais escritos merecem ser estudados também por representarem os primeiros passos da professora no desenvolvimento de sua técnica de composição literária.

Algumas observações sobre a crônica

Entende-se a crônica como um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e literatura, uma vez que é no jornal, entre manchetes e reportagens, que se dá o primeiro contato com o leitor. Ela, no entanto, não tem como objetivo informar e analisar fatos noticiosos, apesar de ter a realidade como matéria prima. Por meio da universalização dos temas que aborda, a crônica transcende o dia-a-dia, como alerta Moisés, “O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia.” (1994, p.104).

O cronista registra artisticamente situações cotidianas, que passam despercebidas ou ficam relegadas à marginalidade por serem consideradas insignificantes. Ao dar uma

dimensão universal ao que é circunstancial, a crônica deixa de ser efêmera como o noticiário, e ganha perenidade.

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a *simples* situação do diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias (SÁ, 1992, p. 11).

Marques de Melo reforça o elo com o jornalismo ao classificar a crônica como um dos formatos do gênero opinativo: “Foi com esse sentido de relato histórico que a crônica chegou ao jornalismo. Trata-se do embrião da reportagem. Ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo”. (MELO, 2003, p. 149). Segundo Antônio Candido, a crônica é, de fato, filha do jornal e da era da máquina, ajudando a estabelecer a dimensão das coisas, “Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ficar, isto é permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. (CANDIDO, 1992, p. 14). Reflexiva, narrativa, poética, histórica, não importa o tipo, a crônica é carregada de subjetividade e busca estabelecer uma conversa com um interlocutor imaginário sobre os mais diferentes temas; talvez por isso assenta-se tão bem entre manchetes e notícias.

A despeito da sua origem europeia nos jornais da França e da Inglaterra entre os séculos 17 e 18, foi no Brasil do século 19 que a crônica conquistou mais admiradores. De José de Alencar a Machado de Assis, boa parte dos escritores brasileiros daquela época cultivou esta modalidade de intervenção literária na imprensa. Na virada do século 20, João do Rio tornou-se a maior expressão do gênero, seguido ao longo das décadas por Rubem Braga e toda uma legião de autores como Raquel de Queiróz, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade.

“De qualquer modo, a crônica, tal qual se desenvolveu entre nós, parece não ter similar noutras literaturas”, afirma Moisés [DATA, página], acrescentando que ela se naturalizou brasileira e aflorou também fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, em todos os estados brasileiros onde a atividade jornalística implantou-se com vibração para publicar notícias e provocar reflexão e enriquecimento cultural. Tal cenário desenhou-se também nas cidades do interior, como São José do Rio Preto, distante 414 quilômetros da capital paulista, que teve em Dinorath do Valle sua maior expressão literária, graças à sua intensa participação como cronista tanto na mídia impressa quanto no rádio.

“O jornalismo surgiu na minha vida assim”

Em 1943, a adolescente Dinorath do Valle cursava o 2º ano do curso Normal no Colégio Santo André, tradicional estabelecimento de ensino mantido pela Congregação Religiosa Irmãs de Santo André, em São José do Rio Preto/SP. Ela e as três irmãs formaram-

se professoras na instituição, sendo que a mais velha, Nilce, se tornou freira ao final do curso. A família pobre conseguiu bolsas para que as filhas estudassem de graça no colégio católico voltado para meninas. Já os dois filhos mais novos, Roberto e Walter, estudaram em escolas da rede pública. Dinorath era a terceira dos seis filhos de Domingos Alves do Valle e de Ercília Gagliardi do Valle, ele balconista de loja de tecidos e ela dona de casa.

Naquela época, a normalista de 17 anos ficou encantada com a escola para crianças pobres que as freiras do colégio decidiram implantar, e, para isso, lançaram uma campanha para arrecadar recursos junto à população da cidade. Dinorath resolveu dar sua contribuição escrevendo, numa folha de caderno, um texto sobre a iniciativa, e enviou-o para um dos dois jornais locais. Contou que, como não conhecia ninguém que militasse na imprensa, saiu cedinho de casa e enfiou o papel dobrado, sem envelope, debaixo da porta do jornal *A Notícia* que, na hora, estava fechado. O texto foi publicado na íntegra, conforme constatou depois.

E daí dois dias eu passava pelo bar do Pilão na rua Bernardino. Lá tinha um placar onde ele afixava o jornal, pro pessoal que viesse ali tomar café e tal. E eu passei para ver, porque eu não assinava o jornal, e vi o meu artigo com o meu nome em cima. [...] Senti na hora o chamado do jornalismo. Uma possibilidade de você se externar com a comunidade de opinar de dizer, não é? E eu já comecei com um assunto que eu pautei que era dirigido a crianças que não pagavam. O Santo André era uma escola de ricos, escola cara, pra moças, pra casarem bem e ensinavam todos os truques (VALLE, 2003).

O episódio ficou marcado na memória de Dinorath, que o relembrou, em detalhes, 60 anos depois, em depoimento gravado em 2003 para autora deste trabalho. A única divergência entre fato e relato se refere ao jornal que publicou o tal texto, pois em 1943 circulavam dois diários em São José do Rio Preto. De fato, naquele ano *A Notícia* publicou quatro matérias sobre a escola dos pobres do Colégio Santo André, nenhuma, no entanto, assinada por Dinorath do Valle. Já a *Folha de Rio Preto* publicou um texto com as características descritas por ela na edição do dia 1º de janeiro de 1943. Tal lapso, no entanto, é perfeitamente justificável, até pela idade avançada da autora à época do depoimento, 77 anos, e com a saúde debilitada pelo diabetes e a obesidade. O texto, intitulado “Fazer o bem, apenas pelo amor do bem!”, está na página 7, assinado por Dinorath do Valle, sem a letra t, como consta no registro de nascimento. Era uma convocação aos leitores a se manterem mobilizados em torno da campanha pela escola das crianças pobres.

Nunca parar! Caminhar sempre, porque é no final da estrada que tremeluz radiante o facho da vitória! Caminhar sempre, pois é após o trabalho fecundo que se recebe o prêmio merecido! Nunca parar! E não paramos ainda de trabalhar pela Escola dos Pobres! [...] A campanha continua a avançar; é mister cooperar para que ela se anime tome alento, cresça e floresça mais tarde em benefício dos ignorantes. Não importa se vamos ou não aproveitar dessa escola; não importa se vamos ser um dos beneficiados pela sua bondade-mãe. [...] Os membros da comissão não descansam. Distribuindo lista ou angariando material, fazendo propaganda ou pedindo um óbulo, são sempre os incansáveis soldados que lutam apenas pelo ideal! (VALLE, 1943, p.07).

O texto revela domínio da língua portuguesa pela jovem normalista, que segue à risca o estilo formal e rebuscado, característico da imprensa da época. Sua força está, no entanto, no vocabulário, utilizado em tom imperativo, e nas imagens patrióticas. Para a autora, o combate à ignorância era uma guerra na qual os brasileiros deveriam cerrar fileiras sem egoísmo. No final, ela recorreu até à figura do chefe do Estado Novo para sensibilizar os leitores:

Como sabemos, já tem o presidente Vargas muito trabalhado para transformar o Brasil-ignorante em Brasil-sábio, para inculcar no povo uma mentalidade ateniense. Se somos verdadeiros brasileiros, nascidos sob o azul deste céu maravilhoso, cooperemos com o nosso chefe, lutando ombro a ombro quais soldados destemidos na obra bendita da levantação de escolas, na formação do Brasil intelectual, na educação da Pátria! Sejamos verdadeiros brasileiros, e como prova disso, vamos auxiliar, sem mesquinhez esta obra de indiscutível mérito! (VALLE, 1943, p. 07).

O texto publicado pela *Folha de Rio Preto* tem valor historiográfico não apenas por ser um dos primeiros escritos de Dinorath do Valle na imprensa, mas por revelar já tão cedo uma preocupação que a acompanharia para sempre: a formação de crianças e jovens, sobretudo os mais carentes, por meio da educação. A paixão por ensinar surgiu muito cedo, quando, ainda menina, ajudava colegas nas tarefas escolares. “Dava aula de tudo para as minhas colegas de classe que não conseguiam aprender na aula. Então cobrava cinco *merréis* por mês”, declarou.

Descobriu que tinha talento para escrever por volta dos onze anos, em um incidente no curso ginásial do Colégio Santo André. Era o mês de maio, e a freira professora de Língua Portuguesa pediu às alunas uma redação sobre o mês de Maria, mãe de Jesus Cristo. Dinorath foi além: escreveu logo um poema em homenagem a Nossa Senhora, que chamou atenção da madre superiora do colégio. Ninguém acreditou que ela havia escrito o poema sozinha, conforme lembrou, reproduzindo o diálogo que teve com a freira.

A poesia era assim: ‘Salve Maria, mãe do Deus menino/ Tão pequenino lá nos braços teus/ Salve Maria o teu manto estende e nos defende do alto dos céus’. Aí tem até uma rima rara, céus com teus. Mas eu não sabia nada... é que eu lia livros de poesia, livros de tudo. E eu falei: ‘Mas eu não copie!’ Ela falou: ‘Copiou. Mas eu não consegui achar nos livros’. E eu disse: ‘Não vai achar mesmo, porque não tem’. E ela dizia que era o diabo quem me inspirava porque eu não tinha humildade de falar a verdade. Eu não sabia que eu era tão boa. Eu tinha onze anos. E percebi que eu era acima do comum. Uma poesia besta, engajada no catolicismo. Eu era engajada, que *cê* queria? Mas neste episódio eu fiquei informada que eu escrevia acima dos outros. E apesar de ter acontecido tudo isso, toda a vez que tinha sessão cívica de louvação a Getúlio Vargas, ao Estado Novo [...] me chamavam pra fazer o discurso, porque eu escrevia bem (VALLE, 2003).

Naturalmente, a fama de boa escritora correu pelo colégio e, no final do curso Normal, a jovem Dinorath foi eleita oradora da turma por unanimidade. Para surpresa geral, a direção do colégio não aprovou a escolha de seu nome e mandou imprimir os convites para solenidade de formatura com o nome de outra aluna como oradora. Dinorath nunca se esqueceu da reação das colegas de sala que se rebelaram contra a madre superiora.

As meninas falaram: ‘Mas nós escolhemos a Dinorath!’. A freira falou: ‘Mas a Dinorath não tem representatividade social’. E a Elaine, que era irmã de um médico disse: ‘Eu não vou falar, eu não aceito’. Ela foi muito decente e falou para as outras colegas que ia riscar o nome dela e escrever Dinorath do Valle e que quem quisesse riscar, riscou. E eu fui lá e falei. Fiz um discurso micho, não vai pensar que isso resultou num superdiscurso. Mas eu fui alijada até não poder mais (VALLE, 2003).

A solenidade de formatura aconteceu ocorreu no dia 12 de dezembro de 1944 e o discurso escrito e proferido pela aluna sem “representatividade social” foi parar nas páginas de *A Notícia*. O jornal o reproduziu integralmente em três partes, publicadas nos dias 1º, 2 e 3 de fevereiro de 1945. O texto, com todo o rigor formal de um discurso de formatura de uma instituição católica, foi estruturado em linguagem oblíqua e metafórica, em partes dedicadas a Deus, à pátria, aos pais, às mestras e às colegas. No trecho para as professoras, a autora comparou o esforço por ensinar à luta do nordestino no campo. Ambos seriam fortes e perseverantes no ofício de plantar e esperar por uma colheita abundante.

Vós sois como o nordestino. Semeais em nossas inteligências uma farta seara. E vossa vida se resume em: plantar e esperar. O plantio é rápido e seguro, porque destras são as mãos do sementeiro. [...] Esperais que a chuva benfazeja de nossa boa vontade, venha fecundar vosso trabalho para uma colheita abundante e promissora. Mas, quantas e quantas vezes não vos falta essa chuva tão esperada... E a terra da cultura, ou dá poucos frutos ou seca, gretada, ferida pelo sol do pouco caso. Ah! Se a nossa boa vontade fizesse jus à sementeira! Então o sementeiro maravilhado, vós, queridas mestras, veríeis o campo coberto pelo fruto de vossos esforços! (VALLE, 1945, p. 03).

A despeito da visão algo romântica da seca no Nordeste brasileiro, provavelmente inspirada pela leitura de autores como Graciliano Ramos, a professora recém-formada demonstrou, em seu discurso, que a miséria dos marginalizados continuava lhe incomodando. Depois da campanha pela escola dos pobres, observa-se que seu horizonte de causas sociais se ampliou para além do interior de São Paulo, onde nasceu e de onde nunca havia saído. Como veremos ao longo deste trabalho, tais temas vão permanecer em sua mente, tornando-se recorrentes na futura obra cronística e literária.

Vida de professora

Dinorath do Valle lecionou em escolas particulares até ser aprovada, por concurso, como professora de Educação Artística e de Desenho Geométrico na rede pública estadual, em 1949. Como educadora, viajou diariamente para Mirassol e Tanabi, cidades distantes de São José do Rio Preto, 15 e 41 quilômetros respectivamente. “Eu dava 44 aulas por semana. Terça, quinta e sábado em Tanabi. Não tinha asfalto nem até Mirassol. Demorava três horas pra ir e três pra voltar. Em dia de chuva, a gente não chegava. Os outros três dias por semana eu ia pra Mirassol”, relatou.

Apesar da dura rotina de viagens e sala de aula, Dinorath do Valle não perdia o jornalismo de vista, tanto que, em 1950, registrou-se como jornalista profissional na Associação Paulista de Imprensa. A formação como cronista se deu instintivamente, ao relatar nas páginas dos jornais locais cenas do seu cotidiano, situações e personagens que ficavam registrados em sua memória. Assim, até os companheiros de viagens de ônibus tornavam-se tema de conversa com os leitores como aconteceu na crônica “Tipos”, publicada na página 2, da edição de domingo, do jornal *Diário da Região*, em 21 de setembro de 1952. Se na infância era chamada de “xereta e intrometida”, por reparar em tudo, agora, adulta e professora, a cronista se via promovida a “observadora e contista de experiência pessoais”.

Há 3 anos viajo a uma cidade vizinha onde leciono. Durante esse período, tenho tido contacto com uma diversidade enorme de tipos humanos, que observo quase inconscientemente, seguindo à risca minhas especulações observativas, traço forte de minha personalidade, por meio da qual faço meu cérebro trabalhar nas horas vagas em que só posso usar o pensamento. (VALLE, 1952, p. 2).

Mais do que descrever modos e maneiras; de reparar as roupas que vestem, os objetos que carregam e até o jeito de falar, a autora busca dar uma dimensão humana a cada um dos passageiros que lhe chamam atenção. Tem o imigrante português de seus 70 anos que capricha no sotaque na hora de descer do ônibus, “pode paraire e quem quiser meu lugar pode ocupar”. Tem o velhote de bigodes que se estendem quase horizontalmente sob o nariz “e que ele retorçe constantemente, medroso de que se desvie da linha costumeira”. Tem o negro esfarrapado, cheirando a pinga, que conversa com um e outro “que não lhe respondem, fingindo ignorá-lo”. Tem a menina pálida, de uniforme desbotado, a caminho da escolinha levando um pedaço de polenta como lanche “petisco que não parece animá-la muito à vida e aos trabalhos escolares”. O texto descreve estes e tantos outros passageiros que, entre solavancos e sacolejadas do ônibus, fingem-se “despreocupados com uma vida que lhe engole a existências”.

Neste ponto, a cronista deixa de lado o mero comentário sobre tipos curiosos e engraçados, para falar da previsibilidade da vida de quem, inclusive ela própria, a cada viagem de ônibus, repete os mesmos movimentos, ações, palavras e ideias, pela existência afora. E finaliza refletindo sobre a efemeridade da vida: “Tipos, tipos e mais tipos que sofrem e que lutam para garantir-se a si mesmo num futuro que nada tem de garantido e para o qual todos os dias caminhamos mais um passo: uns sete palmos abaixo do solo onde reclinaremos o autômato. Salvar-se-ão as ideias nesse caos?” (VALLE, 1952, p. 2).

Três anos depois da publicação desta crônica, em dezembro de 1955, conforme registro na carteira profissional, Dinorath do Valle foi contratada como jornalista no novo jornal de São José do Rio Preto, *Correio da Araraquarense*. Na edição de estreia, em 15 de janeiro de 1956, a professora escreveu que o novo meio de comunicação local era motivo de orgulho para todos e a comprovação do progresso da cidade. Congratulou-se com o redator responsável pelo jornal, Antenor Pousa Godinho, referindo-se a ele como um soldado incompreendido por lutar por uma imprensa melhor, “mais real, mais elevada, despida de sensacionalismos

despudorados e de exageros que prejudicam” (1955). A paixão pelo jornalismo é expressa mais uma vez quando a professora revela que, ao ser convidada para o jornal, reacendeu a vontade de escrever e expressar o que sente.

Como sempre, invejosa dos que militam no jornalismo, dos que se deixaram arrastar pelo fascínio do ofício e nele se embriagam cada vez mais, eu não poderia deixar passar esta oportunidade sem manifestar, na frustração de dura carreira que não segui por força das circunstâncias. Mas restou a vocação, perdida entre outras atividades que me arrastam. Só sei que um novo linotipo encherá as horas mortas nas noites rio-pretenses com seu matraquear enquanto outra impressora responderá com seu ranger, compondo a música que ouço em noites mais corridas, como a um concerto executado por mãos de virtuoso (VALLE, 1955, p. 02).

Nesta época, Dinorath já estava casada havia nove anos com o jornalista Eduardo Kuyumjian, e tinha dois filhos. Não precisava mais viajar para trabalhar, pois conseguiu transferência para o Instituto de Educação Monsenhor Horta, em São José do Rio Preto, onde ensinava Desenho Geométrico e Pedagógico, no Ensino Médio. No *Correio da Araraquarense*, além de ajudar na pauta, apurar e escrever matérias não assinadas, publicava semanalmente, às sextas-feiras, a coluna “Reflexões Contemporâneas”. Nos 14 anos em que esteve no jornal (desligou-se dele em julho de 1969), Dinorath do Valle teve liberdade para escrever sobre o que quisesse. O amadurecimento como cronista é nítido, não apenas pela diversidade de temas sempre atuais, mas também devido à evolução da escrita, cada vez mais leve, envolvente, assertiva e instigante, o que a conduziria mais tarde, ainda que instintivamente, a outras formas de gêneros literários, como o conto.

Reflexões contemporâneas

De fato, a contemporaneidade era a marca das crônicas semanais de Dinorath no *Correio da Araraquarense*. Além das questões cotidianas, ela pôde ampliar o leque de assuntos, passando a abordar, além de temas pessoais e locais, assuntos nacionais e internacionais. Em 23 de março de 1956, por exemplo, duas notícias serviram como matéria fática para que ela escrevesse a crônica “Preconceito de cor”, publicada na página 6 do jornal. Uma refere-se à condenação do diretor de uma escola no Rio de Janeiro, por afastar das aulas um menino negro, conforme matéria publicada no jornal *Folha da Noite* de 16 de março de 1956. A outra ocupou as manchetes pelo mundo afora, pois refere-se ao processo que obrigou a Universidade do Alabama a aceitar a matrícula de Autherine Juanita Lucy, a primeira estudante negra a ingressar em uma instituição pública de ensino superior nos Estados Unidos. A cronista Dinorath do Valle aponta, sem meias palavras, o que há por trás da imagem construída e imposta pelos americanos ao mundo, por meio da propaganda e do cinema, após a 2ª Guerra Mundial.

Constatamos horrorizados que o aparato de democracia mais que livre apresentado às nações civilizadas como um símbolo - idêntica estátua que domina a entrada da cidade maior do mundo - é como carro alegórico em dia de carnaval: bonito para ser visto, grosseiro ao ser apalpado. Certas “mensagens” faladas em diálogos candentes por artista treinados nos palcos da Broadway, apresentadas nos cinemas de todo mundo em filmes produzidos em massa e sob medida para cada situação, parecem volatilizar-se frente ao fragrante da vida real, despida de ficções (VALLE, 1956, p. 04).

A cronista põe-se a questionar sucessivamente onde estariam os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, que inspiram tanto amor aos cães, “aos quais revistas traduzidas em centenas de línguas como *Seleções*, dedicam tantas páginas carinhosas?”. Ela duvida da noção de humanidade e democracia de um país que tolera a existência de hotéis, hospitais e escolas separados para negros.

Como desculpa, dizia-se que o próprio negro sentia-se melhor, mais autônomo em seu meio mais feliz em seu elemento, mais completo trilhando a margem esquerda do rio da existência. O caso da jovem universitária, provou sobejamente que não é o negro que procura segregar-se. É segregado pelo branco e pela força do preconceito que viceja sem repressão (VALLE, 1956, p. 04).

A seguir, ao se referir ao caso do diretor condenado por recusar um aluno negro em uma escola carioca, Dinorath coloca o dedo na ferida do preconceito disfarçado de segregação econômica e social que vigorava no Brasil.

Julgamo-nos liberais porque nos habituamos a ver o negro em situação inferior à nossa. Ao encontrá-lo no mesmo plano de educação, personalidade e cultura, ou acima do nosso, passamos a ver nele um ser estranho e um certo antagonismo pernicioso cessa nossa pretensa liberalidade. Se ainda o consideramos amigo, malgrado o antagonismo, julgamo-nos largos de espírito, como se tivéssemos praticado uma boa ação, quando nunca foi caridade julgar um homem por seus valores espirituais, morais e intelectuais, mas simplesmente justiça (VALLE, 1956, p. 04).

Na coluna da semana seguinte, no dia 28 de março de 1956, a cronista se mostra incomodada com a realidade da imensa maioria da população brasileira, ao dissertar sobre a conjugação do verbo sofrer, na crônica intitulada como “Da segunda conjugação”. O texto começa descrevendo o sofrimento do brasileiro por moléstias físicas como tuberculose, impaludismo, anemia, subnutrição, e verminoses, e segue por um outro tipo de doença, ainda mais grave: uma febre com um ciclo de quatro anos que acomete os ambiciosos por carreiras rápidas e sem maiores compromissos.

Vicia o indivíduo e ele próprio busca as zonas de crise para ser contaminado. Com ela, gasta o que tem o que não tem e o que pode arrecadar por empréstimo de outros seres atacados pelo mal, em menor escala. Não gasta para curar-se, mas para alimentá-la. De suas manifestações variadíssimas, tem as mesmas causas e produz os mesmos efeitos, malgrado a diversidade de sintomas pessoais; [...]. Por ser contagiosa, alastra-se vertiginosamente. É febre política (VALLE, 1956, p. 04).

Após a metáfora da moléstia que afeta aqueles que entram para a política, a crônica, que começou séria, fica mais leve e bem-humorada ao incluir também o sofrimento com o sapato apertado; a conta de luz; a passagem de ônibus; o sol de rachar; a falta de dinheiro; as moças solteiras que não tem a sorte da atriz americana Grace Kelly, que casou com o Príncipe de Mônaco; os professores que lecionam para alunos que não querem aprender; as mulheres que a cada ano ficam mais velhas. Percebe-se que a cronista aproveita o espaço da crônica para expor não apenas as mazelas dos leitores, mas as suas próprias também. Afinal o sofrimento é da vida de todos.

Viver é sofrer. Nas pequenas e nas grandes coisas. O sofrimento está tão integrado em nossa vida cotidiana que de uns tempos para cá, até um canto já passou a ser chorado. Nosso único consolo é que após o “nós sofremos” que transforma o mal de muito em consolo, vem o “eles sofrem”. Que sofram ora essa! Que sofram também (VALLE, 1956, p. 04).

Paralelo ao trabalho como cronista no *Correio da Araraquarense*, Dinorath do Valle seguia lecionando Desenho Geométrico e Pedagógico. Naturalmente as Artes Plásticas eram tema recorrente na coluna “Reflexões Contemporâneas” tanto que 16, das 66 crônicas publicadas ao longo do ano de 1956, ou seja, 1/4 do total, abordavam conceitos estéticos pedagógicos, a obra de grandes pintores e a importância do Desenho na formação educacional dos jovens.

Em “Sermão aos Cegos”, de 22 de junho de 1956, abordou de forma poética o papel do professor enquanto agente da descoberta do belo a partir da simples da observação da natureza ao redor.

A nós professores de Desenho, cabe uma grande tarefa além daquela enunciada nos programas de ensino (alguns deles inexecutáveis): descobrir ao aluno a natureza que o cerca. Ensiná-lo a ver e a admirar, não só o pôr do sol que atrai o olhar pelo colorido berrante, mas também e principalmente as pequenas maravilhas, miniaturas delicadas que nos revelam a Mão que as criou: folhas e galhos, pólen das flores e os insetos o mundo microscópico com suas maravilhas infinitesimais e o telescópico com as suas indecifráveis; a gota de orvalho que tremula e cintila como gema preciosa; a terra fértil e avermelhada nas fendas do barranco lacerado; as montanhas azuladas pela perspectiva aérea que as torna irreais e românticas; as nuvens macias e nômades que navegam sem rumo pelo oceano do céu; a casa e o jardim onde se suspeita o homem e a continuação da espécie; o arranha-céu e a rua onde se advinha a vida artificial, o primeiro prêmio da Civilização; e os contrastes maravilhosos da infância e velhice, riqueza e pobreza; o riso e o pranto, o rosto e os olhos, como os da Mona Lisa... (VALLE, 1956, p. 04).

Em “Educar pelos olhos”, de 22 de agosto, denunciou o segundo plano a que são relegadas as aulas de desenho na grade curricular do ensino básico da rede pública. “Aulas de desenho, raríssimas, quando as há, são consideradas distração, fim de tarefa diária para os momentos em que o aluno já não aguenta mais nada pois se encontra em verdadeiro estado de prostração mental”.

Em “A aptidão e o desenho”, de 14 de novembro, a professora propôs que a disciplina de Desenho fosse ensinada não para descoberta de talentos artísticos, mas sim para preparar ampliar os horizontes de crianças e jovens. “É lógico não se pretender uma geração de artistas, como de fato não conseguiríamos, mesmo que desejássemos. Podemos, porém, pretender e realizar uma geração de olhos abertos para um mundo repleto de maravilhas” (VALLE, 1956, p. 04).

Estudiosa das Artes Plásticas, Dinorath do Valle transforma sua coluna semanal em espaço privilegiado para o ensino sobre interpretação de obras de diferentes artistas. Sem pedagogismos nem pedantismo intelectual, ela conversa com o leitor sobre pintores famosos, distantes do dia a dia do leitor do interior profundo do Estado de São Paulo, e outros que, de tão próximos, não recebiam o devido valor dos conterrâneos.

Em 17 de março de 1956, por exemplo, a reflexão contemporânea do dia foi sobre a arte primitivista do pintor “José Antônio da Silva. O nosso.”. A cronista se mostra incomodada com as “palavras desairosas e até ofensivas” atribuídas à obra do morador de São José do Rio Preto, ainda que artisticamente reconhecida no Brasil e no exterior. Assim, ela transforma a coluna em sala de aula para ensinar que determinadas obras não podem ser simplesmente rotuladas como bonitas ou não. Há que se aprender o que é arte primitiva.

O realismo visual, característica essencial do desenho infantil é a base do trabalho do primitivo. Ele não pinta o que vê, mas a realidade despida das mutações da perspectiva [...]. No uso das cores, Antônio da Silva guarda aquela obsessão do homem das cavernas que utilizava exclusivamente as cores primárias. Puxa sempre que pode pelo vermelho, amarelo e azul quase puros, o que vai bem com tipo rudimentar da forma. O mecanismo da criação é o que mais caracteriza a obra pois ela é realizada por impulsos desconhecidos, cuja natureza o próprio artista ignora (VALLE, 1956, p. 04).

Já em 5 de setembro a coluna foi dedicada ao painel de Candido Portinari, “O Enterro”, em exposição no Museu de Arte Moderna, em São Paulo. A crônica revela o esforço da autora em compreender aquela cena, o que a levou a visitá-la por várias vezes. Ao descrever o quadro em detalhes, ela demonstra que a fruição de uma obra de arte demanda um olhar sem pressa e atento aos detalhes. A leitura nos coloca virtualmente diante da obra.

Ali fiquei a apreciá-lo de novo e à medida que os minutos escoavam, ele ia se revelando à minha sensibilidade como se eu estivesse lendo em linguagem acessível. O colorido esmaecido, pareceu-me doloroso e pungente, como se eu estivesse vendo a cena através de uma grande lágrima tremulante. Os homens de cabeça pequena e enormes e pesados pés que mais pareciam blocos de concreto, mãos fechadas e esquecidas em direção à terra, retratavam tão fielmente aquela sensação de peso e de amor à vida, à terra, ao mundo que sentimos ao acompanhar um morto qualquer à derradeira morada que eu a repugnância da morte, o cheiro das flores, o odor das velas, e o silêncio doloroso da marcha fúnebre (VALLE, 1956, p. 04).

Apesar do caráter efêmero da crônica enquanto gênero textual, eventualmente o cronista se permite aprofundar na exposição de seus sentimentos, pois busca uma mensagem mais universal e permanente. Neste caso, a professora Dinorath demonstrou na prática que para se deixar tocar pela arte basta se colocar à disposição do artista. A cronista Dinorath, por sua vez, revelou todo o desconforto que a morte lhe provocava.

Retirei-me então daquela presença impressionante, aliviando a angústia, como acontece na volta dos acompanhamentos fúnebres: a vida nos lateja no corpo de tal forma que a respiramos, que a sentimos plenamente no invólucro que é pó, mas em pó ainda não se tornou... [...]. Não pintou Portinari apenas um enterro. Pintou a sensação que a morte causa aos vivos, um sentimento universal (VALLE, 1956, p. 04).

Num texto dedicado a Rembrandt, Dinorath partiu de uma efeméride, o aniversário de 350 anos de nascimento do artista, para dar uma aula sobre aquele que ela chamou “O mago da Luz”, na edição de 4 de novembro do *Correio da Araraquarense*. A crônica vai além do simples relato bibliográfico, pois preocupa-se em estabelecer uma relação de causa e consequência entre as tragédias da vida do pintor holandês e o aprimoramento de sua obra.

Se a fuga da alegria e simplicidade da vida do lar, ao lado das privações, constituíram uma desgraça na vida do homem Rembrandt, na existência do pintor revelam-se o cadinho depurador de que tanto necessitava o gênio para definir tempera de sua criação [...]. Deixou os potentados desinteressantes para retratar os humildes que o impressionavam, depurou o bom gosto na livre escolha dos motivos, definiu a si mesmo e encontrou os verdadeiros caminhos de uma arte que desperdiçara inconscientemente (VALLE, 1956, p. 04).

Por vezes, Dinorath do Valle levava a própria intimidade para as páginas do *Correio da Araraquarense*, dividindo com o leitor, por exemplo, sua rotina no único dia em que não trabalhava fora, o domingo. A crônica “No sétimo descansou” prova que, para mulheres como ela, não existia folga no sétimo dia da semana, pelo contrário: no domingo era preciso mostrar, para a família e para a empregada, que a casa tinha dona. Metade do descanso semanal ficava por conta do preparo do almoço.

O que eu fizera? Nada menos do que um almoço cuja execução esmerada durava das sete às doze horas desde o arrancar das penas rebeldes de um frango degolado, ao limpar, temperar, cortar, assar, descascar alhos, picar cebolas os olhos lacrimejantes, acudir o arroz, ferver batatas, bater ovos, fritar gordura, ralar queijo, lavar salada, cortar o dedo, colocar-lhe esparadrapo, abrir e fechar o forno duas vezes por minuto até queimar a mão e localizar o “ponto” do assado, enfim um suadouro mais eficiente do que chá de laranjeira (VALLE, 1956, p. 04).

Terminada a maratona para preparação do almoço, ainda que não precisasse recolher a mesa, “meu orgulho de dona de casa não chega até lá”, a mãe dedicada espantava a vontade de dormir e acompanhava os filhos na véspera do cinema. Duas horas depois, saía de lá pensando no tema da crônica que teria que escrever para o jornal. O tempo que sobrava ia para leitura de contos policiais e para a sessão de domingo no cinema.

Não ir é transformar o domingo em dia incompleto e uma força incoersível – o hábito – já deu corda no maquinismo e a engrenagem começa a funcionar. É tarde para desistir e assim completa-se a liquidação do tempo disponível. Após isso, o melhor é dormir placidamente para acordar na segunda feira, quando o domingo não nos sai da cabeça, certos que durante um dia tão agradável, recebemos nosso quinhão daquele pomposo: “no sétimo descansou”. Pois sim! (VALLE, 1956, p. 04).

Esta crônica é um retrato fiel das famílias de classe média interiorana, de meados do século XX, em que as mulheres, a despeito de já atuarem profissionalmente, ainda se viam compelidas a manter o status de dona de casa. No fundo, a autora admite que ela própria nada faz contra a engrenagem social que a aprisiona, pelo contrário, de certa forma, ajuda a mantê-la, como todas as outras. Ao final, deixa claro, no entanto, que não se engana quanto ao que lhe é negado. A citação bíblica é puro disfarce. O descanso só serve para os homens.

Outra imposição social, abordada na coluna publicada no dia 11 de julho de 1956, é a idade nas mulheres. Já no título da crônica, o leitor tinha uma pista do que vinha por ali: Pergunta: “Idade?” – Resposta: “Trinta anos”. Dinorath havia feito aniversário na véspera na publicação do jornal, e como sempre se sentia à vontade para falar disso com os leitores.

Não é de praxe escrever-se sobre o próprio aniversário. Importo-me eu, porém, com regras de praxe? Se escrevo sempre algo que me preocupa a mente, que me aferroa os sentidos, que me belisca a mordacidade, que me toca as cordas do coração, que me enfurece, me amargura me apoquento ou me aborrece, porque escreveria sobre outro assunto qualquer, com a preocupação que me pesa nos ombros (desde esta manhã), dos trinta anos que começo a carregar? E sem prática. (VALLE, 1956, p. 04).

O dialogismo permeia todo o texto que segue em tom saboroso descrevendo as sensações de quem estava para “dobrar o Cabo da Boa Esperança” ou atingir o “teto-idade”, um marco que afetava apenas as mulheres, já que para a sociedade da época, envelhecer parecia não ser problema dos homens. A narradora busca conforto na leitura, mas “dá de cara com a mulher de trinta anos de Balzac”. Vai ao espelho e enxerga as “rugazinhas leves nos cantos dos olhos que me parecem recém-nascidas”. Não há o que fazer, os trinta anos são uma realidade da vida, sobretudo das mulheres.

Vou descer a montanha a partir de hoje. Não é a média da vida humana os sessenta? Não estou eu nos trinta? Amarguro-me por ter que descer. Para quem tem alma de alpinista deve ser sofrido descer o monte escalado com dificuldade. Descer com cuidado para não rolar. ‘Pra baixo todo santo ajuda’. Não empurrem, eu sei descer sozinha e o peso dos trinta, ajuda (VALLE, 1956, p. 04).

Para narrar a vida a partir de seus próprios dilemas, a cronista coloca-se como uma antena a captar aquilo que incomoda os leitores, sem que eles próprios se deem conta. E, na sociedade brasileira da época, completar trinta anos representava de fato a largada para o inexorável processo de decadência das mulheres. Mais do que ironizar o envelhecimento,

ao falar da sua angústia em relação à idade, Dinorath deu voz aos sentimentos de leitoras, estabelecendo com elas uma cumplicidade que só os bons cronistas são capazes.

Em 22 de julho de 1956, a crônica “Revistas em revista” proporcionou um amplo panorama das fontes que permitiam à cronista se informar sobre tudo, e assim narrar o que ia pelo mundo na coluna Reflexões Contemporâneas do *Correio da Araraquarense*. Dinorath, o marido e os dois filhos eram frequentadores de uma agência onde adquiriam revistas dos mais variados gêneros. Ela preferia *A Cigarra*, *Seleções* e os livrinhos de *Contos de mistério*, *X-9* e *Meia Noite*. O marido, também jornalista, não perdia uma edição das revistas *Alterosa* e *Coletânea*. As crianças tinham suas preferências: de *Mickey*, *Pato Donald* e *Gato Felix* a *Fuzarca Pinduca*, *Popeye* e *Coelho Valente*. Mais do que relatar os hábitos de leitura da família, o que a cronista queria mesmo era comentar a superficialidade de certas publicações as quais ela não suportava: revistas sobre artistas do rádio, TV e cinema.

Fico fascinada com trabalhos tão importantes, cuja, revelação pode abalar o mundo, mas já ali também coisa mais grave do que o perfume que La Monroe usa para dormir ou o pente com que levantam o topete de Tony Curtis; há vida particular dos astros e estrelas, esmiuçada criticada, comentada, com títulos que não escondem a intenção: “Mexericos de Hollywood”. [...] A revista de Rádio repete a mesma orientação, com algumas mudanças de ambiente. Oferece-se leitura tão edificante à mocidade inadvertida que nela procura as atividades de seus ídolos de barro (VALLE, 1956, p. 04).

Ciente de que mesmo estas revistas tinham um papel a cumprir “num mundo evoluído onde prepondera a imagem”, Dinorath propõe uma reflexão ao leitor, afinal ela própria lia revistas cuja finalidade era não ter finalidade nenhuma. Ela estava preocupada não apenas com a qualidade da leitura, mas também com a postura do leitor diante do que pretendia ler.

O pior é não saber discernir, é ridicularizar-se involuntariamente em holocausto a um vício. Ler *Seleções*, por exemplo, é uma coisa. Acreditar em tudo que ela conta é outra. Suspirar ante o *Meu tipo inesquecível*, é uma, crer que um tipo assim seja deste mundo, é outra. Precisamos, antes de tudo, arejar as ideias com ares menos viciados, buscar apenas distração inconsequente nas publicações leves, equivalente ao preço das mesmas, e não paixões e opiniões extremas (VALLE, 1956, p. 04).

Na crônica publicada em 18 de maio de 1956, Dinorath é assaltada pelas memórias da infância vivida na periferia de São José do Rio Preto com os pais e os cinco irmãos. O texto intitulado “Reminiscências” inicia-se transportando o leitor para a casa da infância, descrita em detalhes numa linguagem nostálgica de um tempo em que, a despeito da pobreza, tudo era mais simples, e talvez por isso menos complexo que a vida adulta, a começar pela forma física da autora.

Transporto-me, com vinte quilos a menos, para certa casa velha, de pintura desbotada, sem forro sob o telhado nem venezianas na janela, iluminada à noite por uma lâmpada única de cinquenta velas, suspensa por fio comprido próprio para ser pendurado nos pregos de cada uma das quatro portas que comunicam a sala aos outros cômodos (VALLE, 1956, p. 05).

A crônica segue relatando situações vividas por ela e os irmãos com graça e ingenuidade, como a disputa por um lugar à única mesa da casa para fazer as tarefas escolares, “Princípio de direito incontestável era ‘chegar primeiro’”. As brigas por lápis de cor, resolvidas pela mãe sem perda de tempo e nenhum sentimento de culpa: “dobrava um par de tapas estralados no mais próximo e se retirava solene como Salomão justiceiro, sem pensar em complexos e outros problemas que me preocupam hoje quando resolvo questões entre meus dois filhos”. Os livros herdados dos mais velhos que “amareleciam de mão em mão”. Os cadernos feitos de papel de embrulhar pão, “não havia dinheiro que chegasse para tanta tarefa diária”. Além do material escolar, os irmãos socializavam também as roupas.

Metamorfoses de coisas como eu vi na infância, ninguém jamais encontrará. Vestidos de irmãs mais velhas, por exemplo. Desciam em escala, chegando até mim à custa unicamente de desejo de ser útil. Chegados, não havia alternativa: vestia-os valentemente, contribuindo com meu quinhão de paciência, naquele “aguenta” coletivo. Se não lograssem chegar a mim, como vestido, de blusa não escapavam. Somente quando já derretiam ao simples contato do calor humano, eram batizados de “trapos” e guardados num saco apropriado, desconfio que à prova de ruídos (VALLE. 1956, p. 05).

As várias formaturas de cada um dos irmãos, no grupo, ginásio ou normalista, também foram lembradas como momentos de comemoração regados a café ou guaraná com manjar branco. Sem qualquer constrangimento, mas com um toque de lirismo reflexivo, a autora usou o espaço público da crônica para expor a miséria de uma infância que, apesar de difícil e cheia de privações, não resultou em mágoas ou traumas, pelo contrário, como deixa claro no final: “Pedacinhos da vida que se foi, como esses, gostaria de vivê-los novamente, por mais incrível que possa parecer. Se a necessidade pode ser sadia, a miséria feliz e a pobreza rica, fui a mais sadia, feliz e rica das meninas” (VALLE, 1956, p. 05). Por meio da consciência profunda aflorada no texto, percebe-se que a cronista aproveitou a página do jornal, para tentar transfigurar as dificuldades em desafios já superados que, de certa forma, a moldaram na mulher adulta, professora, jornalista, casada e mãe de dois filhos.

Considerações finais

Dinorath do Valle se manteve presente na imprensa de São José do Rio Preto ao longo de toda a sua vida. Foi cronista exclusiva do *Correio da Araraquarense* de 1955 a 1969. Nos anos 60, escreveu para a rádio Independência AM o programa “A Crônica do Dia”. Passou ainda pelos jornais *Dia e Noite*, *A Voz do Povo* e *A Notícia*. Quando faleceu, aos 78 anos, no dia 1º de maio de 2004, era colaboradora do jornal *Diário da Região*, que publicou naquela data sua última contribuição, uma página inteira sobre as comemorações do Dia do Trabalho ao longo da história de São José do Rio Preto.

Aposentou-se como professora da rede pública estadual após 35 anos de trabalho; fundou e dirigiu a Casa de Cultura de São José do Rio Preto, que hoje leva seu nome;

escreveu roteiros para o cinema, contos e resenhas críticas para revistas nacionais como *Cláudia* (Editora Abril), *Status* e *Planeta* (Editora Três).

Foi 14 vezes premiada em concursos de literatura nacionais e internacionais. Publicou os livros de contos *O Vestido Amarelo* (Artenova, 1976) e *A Idade da Pedra Lascada* (Prelo, 1982); a novela *Enigmalião* (Hucitec, 1980) e o romance *Pau Brasil* (Hucitec, 1984), agraciado em Cuba com o Prêmio Casa de Las Américas, em 1982. Publicou ainda três livros de literatura infanto-juvenil, e quatro livros didáticos sobre Desenho Pedagógico e Arte Infantil. Toda a sua obra está esgotada.

Dinorath do Valle viveu intensamente o jornalismo, a ponto de atribuir sua veia literária a esta atividade, como afirmou em depoimento ao Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, em edição comemorativa pelos 60 anos da entidade. “Minha literatura saiu do jornalismo, das crônicas e reportagens. Tem gente que diz que jornalismo não é literatura: depende do jornalismo. No meu caso, é literatura sim, só que do cotidiano, concisa, mas sem dispensar a qualidade literária, a durabilidade (RIBEIRO, p. 65, 1998).

REZENDE, V. L. G. Contemporary Reflections – a Study About Dinorath Do Valle’s Chronicles in the São José Do Rio Preto Press (1943 – 1956). *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 10, n. 1, p. 121-138, 2018. ISSN 2177-3807.

Referências

CANDIDO, A. *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOISÉS, M. *A criação literária. Prosa – II*. 15. ed., rev. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

RIBEIRO, J. H. *1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista por aqueles que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.*

SÁ, N. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

VALLE, D. Fazer o bem, apenas pelo amor do bem! *Folha de Rio Preto*, São José do Rio Preto, 1943.

_____. Discurso proferido pela oradora das professorandas de 1944 da Escola Normal Santo André, Srta. Dinorath do Valle. *A Notícia*, São José do Rio Preto, 1945.

_____. Tipos. *Diário da Região*, São José do Rio Preto, 1952.

_____. Congratulemo-nos. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Preconceito de Cor. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Da segunda conjugação. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Sermão dos cegos. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Educar pelos olhos. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. A aptidão e o desenho. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. José Antônio da Silva. O nosso. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. O enterro. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. O mago da luz. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. No sétimo dia descansou. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Idade? Resposta: Trinta anos. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Revistas em revista. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

_____. Reminiscências. Reflexões Contemporâneas. *Correio da Araraquarense*. São José do Rio Preto, 1956.

Depoimento gravado

VALLE, D. *Depoimento a Vera Lúcia Guimarães Rezende*. São José do Rio Preto, 02 jul. 2003. (Gravação em fita cassete – Acervo pessoal).

Recebido em: 27 jan. 2018

Aceito em: 02 abr. 2018